

AS EMOÇÕES NA EDUCAÇÃO PARA AS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Rafaella Ferreira Rodrigues Barbosa (Autora), Márcia Rique Carício (Orientadora)

Universidade Federal da Paraíba, rafaellafrib@gmail.com; Universidade Federal da Paraíba, marcia.rique@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A linguagem permite ao homem estruturar seu pensamento, traduzir o que sente, registrar o que conhece e comunicar-se com outros homens. Ela marca o ingresso do homem na cultura, construindo-o como sujeito capaz de produzir transformações nunca antes imaginadas. A pessoa com deficiência auditiva não tem esse privilégio, pois não faz uso da linguagem oral para se comunicar, o que implica em problemas desde a socialização até o aprendizado, se não for inserido de maneira adequada na escola (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 2006, 2007).

Segundo Marchesi (1996), a surdez se traduz na perda da percepção dos sons em maior ou menor escala. Existem vários tipos de pessoas com deficiência auditiva onde são classificadas de acordo com o grau de sua perda auditiva, que vai desde a leve até a surdez profunda. A pessoa com deficiência auditiva deve ser aluno do ensino regular, inserido na modalidade educação especial. Conforme expresso nos artigos 58 e 59 da LDB 9.394/96, esta modalidade busca atender os educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, inserindo-os nas salas de aula regulares, buscando garantir a inclusão dos mesmos, através de currículos, métodos e técnicas que atendam às suas necessidades (BRASIL, 1996).

Segundo Lacerda (2006) a linguagem é adquirida na vida social e é com ela que o sujeito se constitui como tal, com suas características humanas, diferenciando-se dos demais animais. É no contato com a linguagem, integrando uma sociedade que faz uso dela, que o sujeito a adquire. Já para as pessoas com deficiências auditivas, esse contato revela-se prejudicado, pois a língua oral é percebida por meio do canal auditivo, alterado nestas pessoas. Desse modo, no caso de crianças surdas, o atraso de linguagem pode trazer consequências emocionais, sociais e cognitivas, mesmo que realizem aprendizado tardio de uma língua.

Desse modo, a Educação Emocional pode contribuir para o desenvolvimento do aluno surdo, pois conforme Bisquerra a educação emocional é um processo educativo, contínuo e permanente, que pretende potencializar o desenvolvimento das competências emocionais como elemento essencial do desenvolvimento integral da pessoa, com objetivo de capacitá-la para a vida.

É um processo contínuo e permanente, pois deve estar presente ao longo de todo currículo acadêmico e na formação permanente ao longo da vida. Ela pretende dar resposta a um conjunto de necessidades que não são suficientemente atendidas na educação formal, assim como, o desenvolvimento das competências emocionais que contribuem para um melhor bem-estar pessoal e social. A emoção é um estado complexo do organismo caracterizado por uma excitação ou perturbação que predispõe a uma resposta organizada. As emoções são geradas em resposta a um evento externo ou interno (BISQUERRA 2003).

A escola é um espaço onde emoções e afetos são vividos de modo aberto, menos protegida, propiciando sucesso, insucesso, ciúmes, competição, raiva. Sentimentos estes importantes de serem conhecidos e exercitados para o bom convívio social. É nesta etapa (escolarização) da vida que os processos identificatórios se consolidam e o aluno surdo, sozinho no ambiente escolar, em sua condição de surdez, pode enfrentar uma série de dificuldades (LACERDA, 2006).

Em vista disso, queremos investigar não apenas a estrutura e os métodos que estão sendo aplicados e oferecidos a esse aluno com deficiência auditiva, como também, percebemos a necessidade de conhecer suas emoções, buscando entender em quais aspectos elas tem ajudado e/ou atrapalhado na sua socialização e aprendizado. Pretendemos saber se o estudante surdo se sente realmente inserido na sala de aula? Como é sua relação com o professor (a), cuidador e intérprete (se houver)? Como se relaciona com os colegas e demais profissionais da instituição? O quanto suas emoções têm contribuído e/ou atrapalhado o seu desenvolvimento cognitivo e interação com os demais colegas?

Com esses questionamentos acima, buscaremos conhecer a realidade dos estudantes com deficiência auditiva inseridos na rede municipal de ensino de João Pessoa - PB e matriculados no ensino fundamental – séries iniciais. Essa pesquisa, em andamento, faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba. Outras perguntas inquietam e estimulam a realização desse estudo, tais como: De que modo está sendo feita a inclusão desse aluno com deficiência auditiva em sala de aula? Como suas emoções estão interferindo na sua aprendizagem? Se a comunicação está sendo feita de maneira adequada? Se esses alunos expressam comportamentos rebeldes, baixo rendimento? Possuem prejuízos nas relações com os demais colegas e professores?

Em 1990, foi proclamada a Declaração Mundial de Educação para Todos que discutia, em seu artigo 3, sobre a universalização do acesso a educação, buscando reduzir as desigualdades dos grupos excluídos, onde estes não deveriam sofrer discriminações no acesso e nas oportunidades

educacionais (UNESCO, 1990). Em 1994, foi elaborada a Declaração de Salamanca objetivando fornecer orientações para a formulação de legislações que visassem à educação das pessoas com deficiência, assegurando um currículo que atendesse as necessidades destes (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994). Em 2002, a Lei 10.436 foi sancionada, onde reconhecia como legal a comunicação por meio da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, mas só foi regulamentada em 2005 através do Decreto 5.626 (BRASIL, 2002).

Segundo Casassus (2009), a aprendizagem ocorre como parte de uma relação emocional entre o professor e o aluno. Por isso a importância de um ambiente que leve em consideração não apenas os aspectos cognitivos, mas também, os aspectos emocionais.

Ainda conforme o autor acima,

A compreensão emocional que surge quando os professores estabelecem vínculos com os alunos e fazem desses vínculos o suporte para a aprendizagem cria condições propícias para a aprendizagem e para resultados acadêmicos de alto nível [...], vitaliza os fazeres do ensinar (CASASSUS, 2009, p.214).

Assim, podemos inferir o quão importante é que o ambiente respeite as emoções tanto dos aprendizes quanto dos mestres para uma aprendizagem significativa e efetiva.

METODOLOGIA

Esta pesquisa de natureza exploratória pretende investigar os métodos e estruturas oferecidos aos alunos com deficiência auditiva, buscando explanar a realidade desse aluno em sala de aula, bem como conhecer se as suas emoções têm influenciado positiva ou negativamente seu relacionamento com professores, alunos e no seu aprendizado. A abordagem utilizada será qualitativa, onde colheremos algumas informações para serem descritas e analisadas, observaremos o ambiente escola, mais precisamente a sala de aula onde estão inseridos estes alunos para termos uma maior assimilação do problema.

Gil (2002) entende como pesquisa exploratória aquelas que têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torna-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Onde se tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.

O local onde será feita a pesquisa é a Escola Municipal de Ensino Fundamental Índio Piragibe, situada no bairro de Mangabeira VII, João Pessoa - PB, que atende alunos do ensino fundamental das séries iniciais e finais, como também a Educação de Jovens e Adultos – EJA. Os sujeitos da pesquisa serão os alunos surdos matriculados no ensino fundamental anos iniciais.

A pesquisa se dará inicialmente por meio de observação nas salas de aula com alunos surdos, para conhecer como se dá sua relação com os professores e demais colegas, posteriormente terá a aplicação de um questionário semiestruturado com os alunos e seus respectivos professores. Essas ações serão realizadas no período entre os meses de setembro e outubro de 2017.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e discussões desse estudo são incipientes, tendo em vista que ainda está em execução, porém destacamos a importância da mesma, tendo em vista que nos últimos anos, têm se discutido amplamente sobre a inclusão e sua importância, da necessidade de não apenas inserir esse aluno com deficiência na sala de aula, mas de integrá-lo ao processo de ensino-aprendizagem e com os demais alunos. Assim como, as emoções estão presentes no dia-a-dia do ser humano, ela também precisa ser percebida e trabalhada na sala de aula, pois a mesma tem importante influência na aprendizagem do aluno.

Percebemos que as políticas para inserção do aluno com deficiência auditiva de fato existem, mas na prática ainda estamos aquém do que se deseja, pois é comum vermos nas salas de aula as crianças com deficiência ficando à parte das atividades e se tornando um aluno para a responsabilidade do cuidador e/ou intérprete que o acompanha, possivelmente gerando, nessas crianças, sentimentos desagradáveis e desestruturantes.

CONCLUSÕES

Sabemos que políticas com vistas na inclusão existem, no entanto, ainda estão galgando a passos lentos para se efetivarem de fato e, sendo a Educação Emocional uma área incipiente e pouco conhecida e difundida, ainda temos dificuldades de vê-las juntas na prática, mesmo sabendo de seus grandes benefícios para desenvolvimento dos alunos.

Nos estudos iniciais da pesquisa, pudemos inferir que pouco ou quase não se fala da Educação Emocional dentro educação especial, no entanto, estamos otimistas que este trabalho traga resultados positivos para a relação entre professores e alunos com deficiência auditiva, bem como, ajude no aprendizado do estudante.



REFERÊNCIAS

BISQUERRA, Rafael. **Revista de Investigación Educativa**, 2003, Vol. 21, nº1, págs. 7-43.

BRASIL, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências**. Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BRASIL, LDB. Lei nº 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 08 Ago. 2017.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da educação emocional**. Brasília: UNESCO, Líber Livro Editora, 2009. 252 p.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994, Salamanca-Espanha.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ªed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **A Inclusão Escolar de Alunos Surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência**. Cadernos CEDES. Campinas, maio/ago 2006. vol. 26, n. 69, p. 163-184

MARCHESI, Álvaro. Comunicação, linguagem e pensamento das crianças surdas. *In*: César Call; Jesus Palácios & Álvaro Marchesi. (Orgs.), **Desenvolvimento Psicológico e Educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 200-216.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Atendimento Educacional Especializado: pessoa com surdez**. Elaboração Mirlene Ferreira Macedo Damázio – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2007. 45p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez**. [4. ed.] / elaboração profª Daisy Maria Collet de Araujo Lima – Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal... [et. al.]. – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 89p.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem**. 1990.